

DOSSIÊ “ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA COMO PROCESSO DISCURSIVO NA/ PARA A INFÂNCIA”

DOSSIER “LITERACY, READING AND WRITING AS DISCURSIVE PROCESS AT/FOR CHILDHOOD”

Organizadoras:

Elizabeth Orofino Lucio

Professora da Universidade Federal do Pará

Bárbara Cortella Pereira Oliveira

Professora da Universidade Federal de Mato Grosso

Numa época como esta, de crise da democracia, e do rompimento com políticas e ações voltadas para o campo da alfabetização que vinham sendo marcadas pela continuidade, precisamos reafirmar o compromisso com a vida intelectual do nosso campo de pesquisa. Compromisso intelectual que inclui, acima de tudo, a pesquisa, o estudo e o ensino, que nos permite compreender esta época e convoca-nos a uma reassunção de posicionamento.

Os pesquisadores, professores e gestores sabem que a alfabetização é um campo complexo e multidisciplinar. Historicamente, diferentes áreas do conhecimento têm atuado na consolidação do campo da alfabetização, como: Antropologia, Filosofia, Psicologia, Psicolinguística, Sociolinguística, História da Leitura, Estudos Culturais e da Linguagem, Pedagogia, dentre outros. Sendo assim, a alfabetização é dependente de conquistas sociais e é um direito social a ser garantido.

Não é coincidência, no atual contexto histórico, o fato de ratificarmos que o espaço da democracia se estabelece a partir da concordância de vozes, e seu movimento é determinado pelo desejo de todos. Na democracia a arte, a vida e o conhecimento estão presentes no cotidiano, colaborando para que o sujeito se inclua num lugar que é a sociedade e a linguagem, permitindo a ele se significar e não ser objeto de experimentação de metodologias sem alterar valores humanos.

A alfabetização, enquanto processo discursivo, será sempre o exercício da democracia, da convocação para que o homem tome sua palavra e conquiste o seu lugar, anunciando que é necessário o sentido e o sentir das leituras

e escritas que fazem brotar sonhos de um país outro, em que todos e todas possam enfiar-se no texto-vida, fazer que o texto se teça. Destecer os fios do atual momento histórico e tecê-lo novamente significa escrever e reescrever a alfabetização de todas as crianças e de todos os jovens, adultos e idosos; é consolidar um país democrático.

Há trinta e dois anos foi lançada a semente da proposta pioneira de Ana Luiza Bustamante Smolka, por meio da perspectiva da alfabetização como processo discursivo. Esses estudos vêm gerando frutos singulares nacionalmente e internacionalmente, por ser uma proposta político-pedagógica que potencializa a função transformadora da linguagem, porque nos constitui enquanto humanos, mediante processos de interação com o Outro e sobre o mundo por meio do discurso – lugar de enunciação, produção de sentidos e significação, onde sujeitos autores e leitores tornam-se interlocutores de um gesto de ensinar/aprender *na/para* a infância que extrapola os muros escolares.

Ana Luiza Smolka, Maria do Rosário do Longo Mortatti, Cecília Maria Aldeguieri Goulart, Marcia Martins de Oliveira Abreu, Adriana Pastorello Buim Arena, Epifanio Espinosa Tavera, Christian Iván Laurel Pioquinto, Bárbara Cortella Pereira de Oliveira, Cristiane Dias Santos Delmondes e Elizabeth Orofino Lucio são autores dos artigos que integram a revista, vale a pena acompanhá-los em seus textos vigorosos, belos e sensíveis.

No artigo que abre o dossiê, intitulado “Relações de ensino e desenvolvimento humano: reflexões sobre as (trans)formações na atividade de (ensinar a) ler e escrever”, Ana Luiza Bustamante Smolka traz reflexões sobre as práticas de leitura e escrita e as práticas de *ensino* da leitura e da escrita nas condições da contemporaneidade, indagando sobre os efeitos da produção tecnológica e convidando os professores e as crianças a participarem *colaborativamente* das (trans)formações, tanto da atividade de ensinar quanto das atividades de ler e de escrever.

Na sequência, o artigo “Formação de professores como processo discursivo: cenas de uma peça didática”, de Maria do Rosário do Longo Mortatti, aborda a formação inicial de professores, por meio das cenas de uma sala de aula de uma turma do curso de Pedagogia e por meio do *mostrar fazendo*, colaborando para que se assumam como profissionais autores que têm conhecimento para tomar decisões teórico-metodológicas, em relação a sua prática alfabetizadora.

O artigo “Alfabetização em perspectiva discursiva. A realidade discursiva da sala de aula como eixo do processo de ensino-aprendizagem da escrita”, de Cecília Maria Aldeguieri Goulart, discute a relevância política de uma proposta de alfabetização em perspectiva discursiva e sua contribuição para uma teoria do ensino-aprendizagem da escrita social em que a alfabetização fortaleça os sujeitos e suas vidas. A autora mostra que o trabalho alfabetizador mobiliza

atos cognitivos e criadores de sujeitos em interação, abrindo o caminho para o ensino-aprendizagem da escrita com sentido, humano e cultural.

Em seu texto, “A origem da escrita e a diferença entre fala e escrita: por que ensinar esse conteúdo para crianças não alfabetizada”, Marcia Martins de Oliveira Abreu e Adriana Pastorello Buim Arena demonstram a importância de ensinar às crianças a origem da escrita e a diferença entre essa forma de linguagem e a oral, desde o início do processo de alfabetização, contribuindo para que ambas sejam vividas no interior das escolas, e não decodificadas.

A participação de professores do ensino fundamental na pós-graduação e sua contribuição para a profissionalização das práticas dos professores na alfabetização inicial é tema do artigo intitulado “Aportaciones de un programa de posgrado a la alfabetización mediante prácticas sociales del lenguaje. Un análisis desde la experiencia de un profesor de escuela multigrado”, de Epifanio Espinosa Tavera e Christian Iván Laurel Pioquinto, ambos docentes mexicanos. Os autores mostram a relevância de que os cursos de pós-graduação contemplem espaços para que os professores possam produzir conhecimentos de ensino necessários para a alfabetização das crianças, por meio de práticas sociais letradas, e tenham oportunidades de reformular as crenças e conhecimentos que orientam suas práticas.

A alfabetização como processo discursivo no Brasil e em Mato Grosso é tema do estudo de Bárbara Cortella Pereira de Oliveira e Cristiane Dias Santos Delmondes, que, por meio de pesquisa bibliográfica e documental e da análise da configuração textual da tese de Ana Luiza Smolka, registram que essa perspectiva tem se disseminado pelas cinco regiões do país e que, ao se apropriarem dessa concepção, as alfabetizadoras experimentaram a função transformadora da linguagem nas relações de ensino dentro e fora da escola.

“Transvendo a docência na Alfabetização das Águas”, de Elizabeth Orofino Lucio, é o artigo que registra a experiência do Fórum de Alfabetização, Leitura e Escrita (FALE) Flor do Grão Pará e que discute o desafio do *ensinoaprendizagem* inicial da leitura e da escrita como processo discursivo na região Norte do país, como possibilidade de ser, estar e experimentar o mundo amazônico de uma forma outra.

Desejamos que o dossiê ganhe o mundo da vida que pulsa no cotidiano das escolas, das universidades, das secretarias de educação, e reavive as palavras de Ana Luiza Bustamante Smolka, que afirma que “É preciso ‘acreditar’ que a alfabetização é possível e viável [...] e na prática conhecer e conceber formas de alfabetização condizentes com o momento histórico em que vivemos para operar transformações”. Compartilhem suas transformações alfabetizadoras para continuarmos trabalhando por um país onde a docência e a alfabetização sejam sinônimos da gestação de um outro tempo.